

ELEMENTOS DA FILOSOFIA DE AUGUSTE COMTE

Maria de Anunciação Madureira *

Resumo

A ênfase na questão do método e a difusão de uma moral coletivista constituem o cerne da filosofia comteana. Foram as idéias comteanas e não as de Karl Marx que orientaram tanto o chamado ‘marxismo vulgar’ quanto a experiência social auto-denominada ‘socialismo real’, vivenciada por diversas formações sociais durante quase todo o século XX.

Palavras-chave: positivismo, coletivismo, individualismo, liberalismo.

Basis of Auguste Comte's philosophy

Abstract

The basis of Comte's philosophy is founded in the importance of the scientific method and the dissemination of a collectivist moral. These ideas are erroneously identified with the Karl Marx's thought and influenced as the ‘vulgar Marxism’ as the ‘real Socialism’.

Key-words: positivism, collectivism, individualism, liberalism.

Os elementos centrais da filosofia comteana – a ênfase na questão do método e a proposta de generalização de uma moral coletivista - integram o fenômeno que Chasin costuma referir como ‘a herança perversa sofrida pela obra de Marx’^[1]: não foram os escritos marxianos e sim as idéias de Comte que

orientaram tanto o chamado ‘marxismo vulgar’ quanto a experiência social auto-denominada ‘socialismo real’, vivenciada por diversas formações sociais durante quase todo o século XX.

Desde a década de 1840, quando iniciou a instauração de seu pensamento, Marx se voltou não para a problemática do conhecimento – como, sob inspiração positivista, sua obra costuma ser divulgada -, mas para a decifração do ser que, dentre outras coisas, produz também o conhecimento: o homem. Inaugurou desde essa época um conjunto de reflexões assentadas não em critérios metodológicos, mas sim *ontológicos*, voltados para o estudo do *ser social*. Sua obra contém o estatuto e os lineamentos de uma ontologia da sociabilidade ou do ser social.

Por isso, a proposta marxiana está comprometida com a emancipação humana, voltada para entificação da ‘existência histórico mundial de indivíduos’, à ‘existência de indivíduos diretamente vinculada à história mundial’^[2] e não com a repressão da subjetividade, das individualidades, como sustenta a moral coletivista comteana.

Ao expor os elementos centrais da filosofia de Comte, o objetivo deste artigo é o contribuir para a elaboração da crítica às diversas vertentes do marxismo vulgar, esforço necessário que se soma ao conjunto de pesquisas que estão sendo desenvolvidas para se resgatar o pensamento marxiano.

1. Dados biográficos de Comte

Isidore Auguste Marie François Xavier Comte nasceu na cidade francesa de Montpellier, em 19 de janeiro de 1798, e faleceu em Paris, em 05 de setembro de 1857. Seu pai, fiscal de rendas, funcionário da receita do departamento do Hérault, “(...) pertencia à classe dos que haviam lucrado com a Revolução”^[3].

Embora sua família vivesse numa situação econômica confortável, a relação de Comte com seus familiares foi sempre conflituosa:

“Comte acusava os familiares (à exceção de um irmão) de avaréza, culpando-os por sua precária situação

econômica. O pai e a irmã, ambos de saúde muito frágil, viviam reclamando maior participação de Auguste em seus problemas. A mãe apegou-se a ele de forma extremada, solicitando sua atenção 'da mesma maneira que um mendigo implora um pedaço de pão para sobreviver', como diz ela em carta ao filho já adulto"^[4].

Em 1814 Comte ingressou na Escola Politécnica de Paris, fundada em 1794, onde se ensinavam as ciências mais avançadas da época. Comte foi aluno da Politécnica por apenas dois anos. Após a derrota de Napoleão Bonaparte e da Santa Aliança, uma onda reacionária varreu a Europa atingindo a escola. Em 1816 a Escola Politécnica foi temporariamente fechada pelos defensores da restauração do poder real dos Bourbons, sob a acusação de jacobinismo.

Ele voltaria à Escola Politécnica apenas em 1832, como explicador de Análise e de Mecânica. Em 1837 foi nomeado examinador de admissão à Escola, função da qual foi exonerado em 1844. Em 1851 perdeu o posto de explicador. Apesar de seus reiterados pedidos, jamais obteve o desejado cargo de professor na Politécnica, nem mesmo a cátedra de História Geral das Ciências Positivas no Collège de France, que quisera criar em benefício próprio.

Após o fechamento da Escola Politécnica, Comte permaneceu quatro meses em sua cidade natal. Apesar dos apelos familiares, decidiu retornar a Paris. Entre 1817 e 1824 trabalhou como secretário particular de Saint-Simon (1760 – 1825), filósofo que além de exercer grande influência na elaboração de seu pensamento o havia "(...) relacionado com os grupos intelectuais da época"^[5].

Poucos meses após começar a trabalhar com Saint-Simon, Comte escreveu:

"Pela cooperação e amizade com um desses homens que vêm longe nos domínios da filosofia política, aprendi uma multidão de coisas, que em vão procuraria nos livros; e no meio ano durante o qual estive associado a ele meu espírito fez maiores progressos do que faria em três anos, se eu estivesse sozinho; o trabalho desses seis meses

desenvolveu minha concepção das ciências políticas e, indiretamente, tornou mais sólidas minhas idéias sobre as demais ciências...”^[6].

A convivência com Saint-Simon, no entanto,

“Terminou (...) de maneira tempestuosa, como acontecia com quase todas as relações pessoais de Comte. (...) o rompimento ocorreu quando o discípulo começou a sentir-se independente do mestre, discordando de suas idéias sobre a relação entre a ciência e a reorganização da sociedade. Comte não aceitava o fato de Saint-Simon, nesse período, deixar de lado seus planos de reforma teórica do conhecimento (...) no sentido de formar uma nova elite industrial e científica, que teria como alvo a reforma da ordem social”, e “(...) dedicar-se a tarefas práticas (...)”^[7].

Além da discordância quanto ao “(...) praticismo imediatista, à maneira dos empiristas do seu tempo, por ele criticados duramente, e motivo de seu rompimento com Saint-Simon, como divergência doutrinária fundamental”^[8], contribuiu para essa ruptura o lançamento, em 1824, do *Sistema de Política Positiva*, versão revisada do *Plano dos Trabalhos Científicos Necessários para Reorganizar a Sociedade* que Comte publicara em 1822 no jornal *Sistema Industrial*.

Em fevereiro 1825 Comte se casou com Caroline Massin, proprietária de uma pequena livraria, com quem ele se relacionava há algum tempo. Inicialmente, ele a achava forte e inteligente. Depois, taxou-a de ambiciosa e desprovida de afetividade. O casamento foi sempre tumultuado, principalmente por problemas financeiros. Comte não conseguia uma posição que lhe assegurasse um salário fixo: contava apenas com os rendimentos das aulas particulares e com a renda eventual resultante de colaborações com jornais. Ele julgava que seu casamento constituía “(...) a única falta verdadeiramente grave de sua vida”^[9].

Depois de romper com Saint-Simon, Comte se empenhou na elaboração de seu sistema filosófico. Não dispondo de outros meios para expor suas teorias,

decidiu oferecer um curso particular que os interessados subscreveriam antecipadamente, no qual exporia a filosofia que estava desenvolvendo.

O curso teve início em abril de 1826, com a presença de alguns alunos ilustres. Comte ministrou apenas três aulas e foi obrigado a interromper o curso devido a um colapso nervoso. Seu mal foi diagnosticado como 'mania', no hospital do famoso Dr. Esquirol, autor de um tratado sobre essa doença e ex-aluno do não menos famoso Dr. Pinel, na Salpêtrière. O próprio Dr. Esquirol submeteu Comte a um tratamento com banhos de água fria e sangrias. Após 8 meses de internação e sem que houvesse recebido alta, Comte foi levado para casa por Caroline

Em casa, Comte caiu num estado de melancolia profunda e chegou a tentar o suicídio, jogando-se no rio Sena. Somente em agosto 1828 logrou sair de sua letargia. O curso foi reiniciado em 1829, e ele ficou satisfeito por novamente encontrar na audiência nomes famosos das ciências e das letras.

Os anos 1830 a 1842 foram dedicados à elaboração da principal obra comteana, o *Curso de Filosofia Positiva*, publicado em seis volumes nesse período. Esses anos da vida de Comte foram assinalados não somente por dificuldades financeiras e pelas frustradas tentativas de obter um cargo acadêmico:

“Também sofreu críticas (...) de importantes figuras (...) do mundo científico (...) que o ridicularizavam por sua pretensão de submeter ao seu sistema [físico] todas as ciências”^[10].

A publicação do prefácio do *Curso de Filosofia Positiva*, sob o título *Discurso sobre o Espírito Positivo*, em 1844, provocou a sua exoneração da Escola Politécnica:

“A exclusão definitiva da Escola Politécnica resultou sobretudo das críticas aos matemáticos feitas no prefácio (...). Atacando os especialistas em matemática, Comte afirmava ter chegado o tempo dos biólogos e sociólogos ocuparem o primeiro posto no mundo intelectual”^[11].

As mágoas agravaram o seu estado emocional. Seu casamento, que sempre fora tempestuoso, também se desfez. Caroline não suportava os seus fracassos e terminou por deixá-lo definitivamente em 1842.

Em outubro de 1844, Comte conheceu Clotilde de Vaux, irmã de um de seus alunos na Escola Politécnica, por quem se apaixonou:

“Ela era uma mulher de trinta anos abandonada pelo marido, um funcionário público de baixo escalão, que havia fugido do país depois de se apropriar de fundos do governo”^[12].

Na primavera de 1845, o filósofo de 47 anos declarou o seu amor fervoroso a essa mulher de 30:

“Nela, encontrou alguém que lhe permitiu expressar todos os seus sentimentos e necessidades emocionais”^[13].

Ela, no entanto,

“(…) considerava indissolúvel seu casamento, não permitindo que suas relações com o filósofo ultrapassassem os limites de uma íntima amizade”^[14].

Tem início o ‘ano incomparável’^[15], assinalado pela intensa correspondência trocada entre ambos, que termina com a morte de Clotilde, vítima da tuberculose, em 6 de abril de 1846.

Comte sente a sua razão vacilar, mas entrega-se corajosamente ao trabalho. Inspirado pelas figuras femininas representadas por sua mãe (Rosalie Boyer Comte), por sua filha adotiva^[16] (Sofia Bliaux Thomas) e pela evocação de Clotilde de Vaux, dedica-se a sistematizar a religião positivista, por ele denominada ‘Religião da Humanidade’, da qual proclamou-se grande sacerdote em 1847. Institui o Calendário Positivista, cujos santos são os grandes pensadores da História, e forja as divisas “*Ordem e Progresso*”, “*Viver para o próximo*”; “*O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim*”.

Os últimos anos da vida de Comte foram devotados à elaboração da religião positivista. Entre 1851 e 1854 são publicados os enormes volumes do

Sistema de Política Positiva ou *Tratado de Sociologia Instituído a Religião da Humanidade*. Em 1852 publicou também o *Catecismo Positivista* ou *Exposição Sumária da Religião Universal*.

2. As bases do sistema filosófico comteano

O sistema filosófico elaborado por Auguste Comte foi amplamente difundido no Brasil desde as décadas finais do II Império, principalmente nas instituições de ensino militares. Vivendo na França, país em que a intensa industrialização evidenciou, na primeira metade do século XIX, a natureza da luta de classes na sociedade burguesa, e contemporâneo dos confrontos iniciais entre o proletariado e a burguesia, Comte afirmava que sua filosofia correspondia à fase em que a indústria havia se tornado o meio de exploração da natureza pelo homem, estágio em que o pensamento positivista instauraria a ciência como recurso adequado para a busca de soluções para os problemas da humanidade.

Distinguindo-se de outros pensadores de sua época, como Saint-Simon e Fourier, que, preocupados com a reforma das instituições, prescreviam modos diretos para efetivá-la, o objetivo de Comte, ao invés do estímulo para a ação prática imediata, era

"(...) fornecer aos homens novos hábitos de pensar, de acordo com o estado das ciências de seu tempo"^[17].

Sua filosofia apóia-se na convicção de que as idéias orientam a ação prática e as opiniões regem o mecanismo social:

"(...) as idéias governam e subvertem o mundo, em outros termos, (...) todo o mecanismo social repousa finalmente sobre opiniões"^[18].

De acordo com Comte, a existência social estaria assentada sobre bases morais. Por isso, a crise social exposta no confronto entre o proletariado e a burguesia não seria de outra natureza senão *moral*, e sua solução resultaria menos da reforma das instituições do que da mudança de opiniões e costumes, o que transferiria o campo das lutas sociais do terreno político para o filosófico:

"(...) as principais dificuldades sociais não são hoje essencialmente políticas, mas sobretudo morais, de sorte que sua solução possível depende realmente das opiniões e dos costumes, muito mais do que das instituições, o que tende a extinguir uma atividade perturbadora, transformando a agitação política em movimento filosófico"^[19].

Uma vez que a moral seria a principal determinante da existência social, as crises sociais resultariam da anarquia intelectual, da ausência de uma filosofia capaz de fixar os princípios básicos que orientassem a ação coletiva e individual. Ao propor uma nova filosofia, a positivista, Comte pretendia que ela se tornasse o esteio da reorganização social à medida em que oferecesse um princípio único capaz de disciplinar o desenvolvimento das ciências, de orientar o pensamento pelas diversas áreas de sua atuação:

"(...) a grande crise política e moral das sociedades provém, em última análise, da anarquia intelectual. Nosso mais grave mal consiste nesta profunda divergência entre todos os espíritos quanto a todas as máximas fundamentais, cuja fixidez é a primeira condição duma verdadeira ordem social. Enquanto as inteligências individuais não aderirem, graças a um assentimento unânime, a certas idéias gerais capazes de formar uma doutrina social comum, não se pode dissimular que o estado das nações permanecerá, de modo necessário, essencialmente revolucionário, a despeito de todos os paliativos políticos passíveis de serem adotados – comportando apenas instituições provisórias"^[20].

A mudança do modo de pensar dos homens, direcionada por uma doutrina capaz de disciplinar o desenvolvimento das ciências, conduziria à alteração de

seus princípios e valores, propiciaria o surgimento de uma nova moral que presidiria a produção intelectual e a ação prática. Orientada por uma nova maneira de pensar, a humanidade poderia intervir na realidade através de uma prática política coerente com a moral da filosofia positivista, capaz de mudar a existência social e de efetivar a reforma das instituições adequando-as ao estágio histórico atingido com a industrialização. A reforma intelectual do homem se constituía na condição prévia e imprescindível para a reorganização social:

"(...) a sociedade só pode ser convenientemente reorganizada através da completa reforma intelectual do homem"^[21].

3. O método e sua importância para o positivismo comteano.

O pensamento positivista sistematizou a problemática metodológica. Sua principal referência foi o empirismo das ciências naturais. Em oposição ao conhecimento especulativo, o positivismo considera que o domínio da ciência corresponde ao universo material, empírico. Todos os fenômenos seriam regidos por leis, e o objetivo dos estudos sistemáticos seria a formulação de leis gerais. Para melhor situar as ciências no campo do conhecimento, a tradição positivista circunscreve cada uma delas, através da delimitação de seus objetos, a um campo com características próprias que deve ser investigado com métodos adequados.

O *método* se constitui no princípio comum oferecido pelo sistema filosófico comteano para disciplinar o desenvolvimento do conjunto das ciências, para orientar o pensamento pelas diversas áreas de sua atuação. Ao pretender que a filosofia positivista se tornasse o esteio da reorganização social, Comte sustentava que o emprego de um mesmo método por todas as áreas da atividade intelectual eliminaria as divergências 'quanto a todas as máximas fundamentais' das ciências, originando um conjunto de hábitos intelectuais que, incorporados pela humanidade, redundaria em aplicações regulares dos procedimentos científicos:

"(...) será somente graças ao estudo das aplicações regulares dos procedimentos científicos que se chegará a formar um bom sistema de hábitos intelectuais, o que é, entretanto, a meta essencial do método"^[22].

A imaginação, a argumentação e a abstração, recursos explicativos empregados nos estágios que Comte julgava historicamente precedentes – o teológico e o metafísico -, deveriam ser abandonados na fase positivista em favor da *observação*, do estudo do que é material, concreto:

"Cada proposição enunciada de maneira positiva deve corresponder a um fato, seja particular seja universal"^[23].

A correspondência entre uma proposição positiva e um fato não seria sinônimo de empirismo, de redução de toda a sua apreensão a fato isolado. Somente a pesquisa das *relações constantes* entre os fenômenos observáveis poderia explicá-los:

"A necessidade de dispor os fatos numa ordem que podemos conceber com facilidade (o que é o objeto próprio de todas as teorias científicas) é de tal maneira inerente a nossa organização que , se não chegássemos a satisfazê-la com concepções positivas, voltaríamos inevitavelmente às explicações teológicas e metafísicas, às quais primitivamente deu nascimento (...)"^[24].

As conexões entre os fenômenos seriam limitadas e constituiriam suas leis. Os fenômenos observáveis, por sua vez, não seriam redutíveis a um só princípio, como Deus, a natureza ou outro equivalente. Por isso, cada ciência se ocuparia apenas de um certo número de fenômenos, irreduzíveis uns aos outros. A unidade do conhecimento a ser alcançada pelas diversas ciências radicaria no uso de um mesmo método, qualquer que fosse o seu campo de investigação, natural ou social. A identidade metodológica produziria a convergência e a homogeneidade

das teorias, ainda que o desenvolvimento das ciências jamais viesse a atingir a compreensão absoluta de seus respectivos objetos:

"(...) não devemos procurar outra unidade além da unidade do método positivo considerado em seu conjunto, sem pretender chegar a uma verdadeira unidade científica, aspirando somente à homogeneidade e à convergência das diferentes doutrinas"^[25].

Dotadas de um esteio filosófico comum, de um método uniforme, as ciências seriam capazes de combinar as suas investigações, potencializar as suas descobertas, intensificar o seu desenvolvimento, e garantir a veracidade - ainda que não absoluta, uma vez que o conhecimento resulta tão somente de aproximações - de seus resultados. Esse é o princípio básico do positivismo, a convicção de que só seria científico o produto do pensamento que resultasse da objetividade, da utilização de um princípio universal em sua elaboração, o método. O uso de um mesmo método asseguraria o desenvolvimento contínuo das ciências particulares, habilitando-as a fornecer repostas ao conjunto dos problemas humanos.

4. A filosofia da História comteana.

Comte pressupunha que tanto a existência individual quanto a social estariam sujeitas ao processo evolutivo. Ao investigar a dinâmica da história, Comte buscava desvendar "(...) o curso espontâneo da evolução humana"^[26].

Sempre que se faz referência à incorporação das teses evolucionais pelas pesquisas sociais torna-se necessário lembrar

"(...) que, historicamente, o evolucionismo sociológico é anterior ao outro [ao evolucionismo biológico]"^[27].

O sistema filosófico comteano pretendia

"(...) apreciar o núcleo essencial da teoria positiva, (...) consistindo em descobrir a verdadeira teoria da evolução humana, ao mesmo tempo individual e coletiva"^[28].

O processo evolutivo obedeceria a leis imutáveis, de acordo com as quais os fenômenos mais simples sofreriam modificações que dariam origem a outros mais complexos. A evolução histórica seria

"(...) regulada pela generalidade decrescente dos fenômenos correspondentes, ou, o que implica no mesmo, por sua complicação crescente"^[29].

A complexificação dos fenômenos seria assinalada por *fases*, cada uma resultando da anterior e preparando a próxima: nas

"(...) fases determinadas duma mesma evolução fundamental, (...) cada uma resulta da precedente e prepara a seguinte, seguindo leis invariáveis que fixam sua participação na progressão comum"^[30].

A filosofia da história comteana está sintetizada na lei dos três estados. O espírito humano se desenvolveria através de três estágios ou fases distintas, a teológica - que corresponderia à infância da humanidade -, a metafísica - identificada com a juventude -, e a positivista ou da maturidade:

"(...) cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. Em outros termos, o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em cada uma de suas investigações, três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferente e mesmo radicalmente oposto (...). Daí três sortes de filosofias, ou de sistemas gerais de concepções sobre o conjunto de fenômenos, que se excluem mutuamente: a primeira é o ponto de partida necessário da inteligência humana; a

terceira, seu estado fixo e definitivo; a segunda, unicamente destinada a servir de transição"^[31].

A existência de três etapas na evolução humana não resultaria da substituição de uma pela outra. O processo evolutivo da humanidade não seria homogêneo mas assinalado pela *coexistência de fases distintas*, pelo fenômeno da *heterocronia*, em que o surgimento de um estágio mais avançado de desenvolvimento do espírito humano não necessariamente eliminaria o precedente.

No início do estágio positivista da evolução histórica, "(...) o único definitivo"^[32], encontrar-se-iam elementos das etapas evolutivas prévias. Para Comte, a heterocronia, a falta de homogeneidade histórica, essa coexistência na fase positivista inicial de estágios anteriores do desenvolvimento do espírito humano, seria a causa das crises morais, intelectuais e sociais:

"(...) a desordem atual das inteligências vincula-se, em última análise, ao emprego simultâneo de três filosofias radicalmente incompatíveis: a filosofia teológica, a filosofia metafísica e a filosofia positiva. É claro que se uma qualquer dessas três filosofias obtivesse, na realidade, preponderância universal e completa, haveria uma ordem social determinada, pois o mal consiste sobretudo na ausência de toda verdadeira organização. É a coexistência dessas três filosofias opostas que impede absolutamente de estender-se sobre algum ponto essencial"^[33].

5. A cientificidade e a crítica ao espírito teológico

O desenvolvimento social, chamado por Comte de 'evolução ativa', "(...) cuja marcha geral necessitou sempre depender da marcha de nossas concepções elementares sobre o conjunto da economia natural"^[34], corresponderia à evolução do espírito humano. A evolução histórica, o 'crescimento temporal da humanidade', consistiria

"(...) na sucessão necessária dos diversos caracteres principais da atividade humana, primeiro conquistadora, depois, defensiva e, finalmente, industrial. Sua solidariedade natural com a preponderância respectiva do espírito teológico, do espírito metafísico e do espírito positivo, logo explica o conjunto do passado, sistematizando sem esforço a única concepção de história que seja espontaneamente sancionada pela razão pública, isto é, a distinção geral entre a Antigüidade, a Idade Média e o Estado Moderno"^[35].

A filosofia comteana se opõe à religiosidade e julga que, reciprocamente, a filosofia teológica está em contraposição ao espírito positivo:

"(...) salientaremos diretamente a incompatibilidade final das concepções positivas com todas as opiniões teológicas, quaisquer que sejam elas, monotéicas, politéicas ou fetichistas. (...) [Há] a impossibilidade de qualquer conciliação durável entre as duas filosofias, tanto no que respeita ao método quanto no que respeita à doutrina (...)"^[36].

Devido ao antagonismo que Comte afirmava haver entre o positivismo e as filosofias que lhe haveriam precedido, a evolução do espírito positivo implicava no combate ao espírito metafísico e, principalmente, ao teológico, uma vez que o desenvolvimento da sociedade industrial e das ciências revelaria sua incompatibilidade com a religião. Por isso, a filosofia positiva deveria substituí-la gradativamente:

"(...) a mesma correlação fundamental, que torna a vida industrial tão favorável à ascendência filosófica do

espírito positivo, imprime-lhe, sob outro aspecto, uma tendência antiteológica mais ou menos pronunciada, inevitável porém mais cedo ou mais tarde, sejam quais forem os esforços contínuos da sabedoria sacerdotal para conter ou temperar o caráter antiindustrial da filosofia inicial, com a qual a vida guerreira era a única suficientemente conciliável. Tal é a íntima solidariedade que faz involuntariamente todos os espíritos modernos, até mesmo os mais grosseiros e rebeldes, participar na substituição gradual da antiga filosofia teológica por uma filosofia plenamente positiva, a única suscetível, de agora em diante, de uma verdadeira ascendência social"^[37].

6. Crítica ao cerne do espírito metafísico, o individualismo

Fundada sobre o nódulo central do pensamento liberal, que distingue o indivíduo da sociedade, a filosofia comteana atribui ênfase ao social e não, como sustenta o liberalismo, ao individual:

'(...) o homem propriamente dito não existe, existindo apenas a Humanidade"^[38].

Os indivíduos seriam apenas membros da sociedade e teriam a sua existência determinada por ela:

"(...) nosso desenvolvimento provém da sociedade, a partir de qualquer perspectiva que se o considere"^[39].

A dificuldade em reconhecer, teórica e praticamente, a precedência da dimensão social sobre a individual resultaria, segundo Comte, da difusão do *individualismo*:

"Se a idéia de *sociedade* parece ainda uma abstração de nossa inteligência, é sobretudo em virtude do antigo regime filosófico, porquanto, a bem dizer, é à idéia de *indivíduo* que pertence tal caráter, ao menos em nossa espécie"^[40].

O individualismo, que se desenvolvera sob o espírito metafísico, teria se originado das divagações teológicas que acompanharam a reforma protestante. A valorização do indivíduo seria a causa da crise moral de que resultavam as lutas sociais que assolavam a França em meados do século XIX, dos conflitos entre o proletariado e a burguesia, dos fenômenos que Comte identificava como aberrações anti-sociais, utopias subversivas contrárias à família e à propriedade:

"Exercendo-se desse modo, realmente inspirou ou secundou muitas aberrações sociais, que o bom senso, deixado a si mesmo, teria espontaneamente evitado ou rejeitado. As utopias subversivas que hoje parecem ter crédito, seja contra a propriedade, seja quanto à família etc., quase nunca saíram de inteligências plenamente emancipadas, nem foram acolhidas por elas, a despeito de suas lacunas fundamentais; foram-no, aliás, por aquelas que perseguiam ativamente uma espécie de restauração teológica, fundada sobre um vago e estéril deísmo, ou sobre um protestantismo equivalente"^[41].

A luta travada pelo espírito metafísico contra o teológico, opondo a razão à fé, tendeu a dissolver a moral subjacente à prática religiosa pois afastara da vivência humana a retidão e a moralidade naturais do homem:

"A antipatia crescente que o espírito teológico inspirava justamente à razão moderna afetou gravemente muitas importantes noções morais, não somente relativas à simples vida doméstica, e até mesmo à existência pessoal. Um cego ardor de emancipação mental levou, de resto, de maneira exagerada, a erigir algumas vezes o desdém passageiro por essas máximas salutares em uma espécie de

louco protesto contra a filosofia retrógrada, donde pareciam emanar exclusivamente"^[42].

O combate entre o espírito teológico e o metafísico teria afetado a moral ainda mais, à medida em que a extinção da fé e a perda de poder político da autoridade sacerdotal foram acompanhadas da diminuição de sua ascendência social, necessária para a eficácia da moral. Enquanto o catolicismo perdia a sua coesão teórica e política, desmembrando-se em correntes protestantes, o espírito teológico teria suscitado as divagações que levaram ao florescimento do individualismo, lastro do pensamento liberal:

"Além dessa impotência crescente em proteger as regras morais, o espírito teológico também lhes foi freqüentemente nocivo numa maneira ativa, por causa das divagações que suscitou, desde que deixou de ser disciplinável, sob o inevitável florescimento do livre exame individual"^[43].

Com o diagnóstico das crises sociais assentado em critérios morais e identificando no individualismo a causa das lutas sociais, o pensamento comteano afirma que o progresso da humanidade, teórico e prático, só poderia ser alcançado se fosse conduzido pelo espírito positivo, o único capaz de unir a moral e a política.

Na antigüidade, sustentava Comte, a moral estaria radicalmente subordinada à política, o que a impossibilitava de exercer a sua ascendência normal. O advento do catolicismo teria separado a moral da política, tornando-as independentes e permitindo, pela primeira vez, a sistematização da moral humana:

"Somente desde essa indispensável separação, sancionada e completada pela divisão necessária das duas potências, a moral humana pôde realmente começar a tomar caráter sistemático, estabelecendo, ao abrigo dos impulsos passageiros, regras verdadeiramente gerais para o conjunto de nossa existência, pessoal, doméstica e social"^[44].

A capacidade limitada de desenvolvimento do espírito teológico, realizado sob influência da doutrina católica, fundada na fé, teria revelado a incompatibilidade entre o florescimento intelectual, o avanço da razão e das ciências, e o desenvolvimento moral:

"Ligada assim a uma doutrina que não podia por muito tempo permanecer progressiva, a moral havia em seguida de encontrar-se cada vez mais afetada pelo descrédito crescente que necessariamente iria sofrer uma teologia que, a partir de então retrógrada, se tornaria enfim radicalmente antipática à razão moderna"^[45].

O avanço industrial e a imperiosa necessidade de contínuo desenvolvimento das ciências tornava imprescindível o desenvolvimento de uma moralidade capaz de compatibilizar os imperativos da razão com os da política, assegurando a criação e a manutenção de uma ordem social associada ao permanente progresso. Caberia portanto, em nome da moral, proclamar a ascendência do espírito positivo sobre o metafísico e o teológico, única filosofia em condições de

"(...) estabelecer hoje, a propósito de nossos diversos deveres, convicções profundas e ativas, verdadeiramente suscetíveis de sustentar com energia o choque das paixões"^[46].

7. A moral positivista: o coletivismo

A moral positivista está assentada na expansão do *sentimento social*, "(...) primeira base necessária de toda moral sadia"^[47], em oposição ao *sistema do egoísmo*, teoria moral que se expandiu sob o estado metafísico, embora se originasse da filosofia teológica:

"(...) o pensamento teológico é, por sua natureza, essencialmente individual, nunca diretamente coletivo"^[48].

A impossibilidade de qualquer aplicação coletiva do individualismo ou do sistema do egoísmo seria decorrência de seu procedimento lógico, fundado na *intuição*, na subjetividade, e não na observação, na objetividade. O individualismo resultaria,

"(...) sobretudo, da natureza essencialmente pessoal dessa filosofia que, sempre limitada à consideração do indivíduo, nunca pôde realmente abranger o estudo da espécie, por causa duma conseqüência inevitável de seu fútil princípio lógico, essencialmente reduzido à *intuição* propriamente dita, que não comporta evidentemente qualquer aplicação coletiva. Suas fórmulas ordinárias apenas traduzem ingenuamente seu espírito fundamental. Para cada um de seus adeptos, o pensamento dominante é o do *eu*; todas e quaisquer outras existências, mesmo humanas, são confusamente envolvidas numa única concepção negativa, e seu vago conjunto constitui o *não-eu*, a noção do *nós* não podendo encontrar nenhum lugar direto e distinto"^[49].

O sentimento de coletividade, a solidariedade social, regeria a moral positivista. A solidariedade social seria o elo que une o indivíduo à coletividade:

"O conjunto da nova filosofia sempre tenderá a salientar, tanto na vida ativa quanto na vida especulativa, a ligação de cada um a todos, sob uma multidão de aspectos diferentes, de maneira a tornar involuntariamente familiar o íntimo sentimento de solidariedade social, convenientemente desdobrado para todos os tempos e lugares"^[50].

Orientando a ação dos indivíduos em busca do bem público, a moral positivista asseguraria a realização pessoal e se tornaria a principal fonte de obtenção da felicidade pessoal:

"Não somente a ativa procura do bem público será, sem cessar, considerada como o modo próprio de assegurar comumente a felicidade privada graças a uma influência ao mesmo tempo mais direta e mais pura e, finalmente, mais eficaz; o mais completo exercício possível das tendências gerais tornar-se-á a principal fonte da felicidade pessoal, ainda que não devesse trazer excepcionalmente outra recompensa além de uma inevitável satisfação interior"^[51].

De acordo com Comte, o predomínio do sentimento de coletividade, orientação moral resultante da evolução mental assinalada pelo advento da filosofia positivista, supõe que

"(...) os sentimentos benevolentes são os únicos que podem desenvolver-se livremente no estado social"^[52].

Por isso, a dissolução do egoísmo, do individualismo,

"(...) exige, naturalmente, certa repressão permanente dos diversos impulsos pessoais, cujo florescimento espontâneo suscitaria conflitos contínuos"^[53].

À medida em que reprimisse os seus impulsos pessoais em favor da busca do bem público, orientado pelo sentimento de coletividade, o indivíduo se integraria crescentemente à espécie humana, entendida não apenas em seu significado natural, mas também social. Incorporado à existência coletiva, o indivíduo se tornaria um indivíduo coletivo, cuja existência realizaria o atributo humano de contínua evolução da inteligência e da sociabilidade, e seria acompanhada da correspondente retração de sua animalidade:

"Podendo prolongar-se unicamente por meio da espécie, o indivíduo será assim impulsionado a nela se incorporar o mais completamente possível, ligando-se profundamente a toda sua existência coletiva, não apenas atual, mas também passada, e, antes de tudo futura, de maneira a obter toda a intensidade de vida que comporta,

em cada caso, o conjunto das leis reais. Tanto essa grande identificação poderá vir a ser mais íntima e melhor sentida quanto a nova filosofia designar necessariamente a ambas as espécies de vida um mesmo destino fundamental e a mesma lei de evolução, consistindo sempre, para o indivíduo e para a espécie, na progressão contínua, cujo fim principal foi acima caracterizado, isto é, a fazer, de uma e de outra parte, com que prevaleça, quando possível, o atributo humano, ou a combinação da inteligência com a sociabilidade, em prejuízo da animalidade, propriamente dita"^[54].

O progresso da humanidade, materializado na reorganização da sociedade e sinônimo da plenitude do saber que não se limita ao conhecimento em si mesmo, resultaria, tanto sob o aspecto moral quanto político, da conquista primeiramente teórica alcançada com o advento da filosofia positivista e, em seguida, de sua aplicabilidade, através da política:

"Sob aspecto mais sistemático, a nova filosofia indica diretamente, como destino necessário de toda a nossa existência, ao mesmo tempo pessoal e social, o melhoramento contínuo de nossa condição e, sobretudo, de nossa natureza, enquanto comportar, em todas as esferas, o conjunto das leis reais exteriores ou interiores. Elevando assim a noção de progresso a dogma verdadeiramente fundamental da sabedoria humana, seja prática, seja teórica, imprime-lhe o caráter mais nobre e, ao mesmo tempo, o mais completo, sempre representando o segundo gênero de aperfeiçoamento como superior ao primeiro"^[55].

8. Bibliografia

Chasin, José. Ad Hominem - Rota e Prospectiva de um Projeto Marxista. In: *Ensaio Ad Hominem: marxismo*. São Paulo, Estudos e Edições Ad Hominem, 1999, p. 9 – 81.

Cobra, Rubem Q. *Auguste Comte*. Página de Filosofia Contemporânea, Geocities.com, 1999.

Cruz Costa, J. *Augusto Comte e as Origens do Positivismo*. São Paulo, Coleção da Revista de História, 1951.

Comte, Auguste. Curso de Filosofia Positiva. In: *Os Pensadores: Comte*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

_____. Discurso sobre o Espírito Positivo. In: *Os Pensadores: Comte*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

_____. Discurso Preliminar sobre o Conjunto do Positivismo. In: *Os Pensadores: Comte*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

Gianotti, José Arthur. Comte: Vida e Obra. In: *Os Pensadores: Comte*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

Lévi-Strauss, Claude. *Antropologia Estrutural*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991.

Marx, Karl & Engels, Friedrich. *A Ideologia Alemã: I – Feuerbach*. São Paulo, Hucitec, 1984.

Moraes Filho, Evaristo de. Introdução. In: Evaristo de Moraes Filho (org.). *Auguste Comte: Sociologia*. 3ª ed., São Paulo, Ed. Ática, 1989.

* Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Paraná.

[1] José Chasin. *Ad Hominem - Rota e Prospectiva de um Projeto Marxista*. In: *Ensaio Ad Hominem: marxismo*. São Paulo, Estudos e Edições Ad Hominem, 1999, passim.

[2] Karl Marx e Friedrich Engels. *A Ideologia Alemã: I – Feuerbach*. São Paulo, Hucitec, 1984, p. 52.

[3] J. Cruz Costa. *Augusto Comte e as Origens do Positivismo*. São Paulo, Coleção da Revista de História, 1951, p. 35.

[4] José Arthur Gianotti. *Comte: Vida e Obra*. In: *Os Pensadores: Comte*. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. VI.

[5] J. Cruz Costa, op. cit., p. 17.

[6] José Arthur Gianotti, op. cit., p. VI.

[7] Id. *ibid.*, p. VII.

[8] Evaristo de Moraes Filho. *Introdução*. In: Evaristo de Moraes Filho (org.). *Auguste Comte: sociologia*. 3ª ed., São Paulo, Ed. Ática, 1989, p. 17.

[9] Id. *ibid.*, p. 41.

[10] Rubem Q. Cobra. *Auguste Comte*. Página de Filosofia Contemporânea, Geocities.com, 1999. Os colchetes são meus (MAM).

[11] José Arthur Gianotti, op. cit., p. VIII.

[12] Auguste Comte. *Catecismo Positivista*. In: *Os Pensadores*, op. cit., p. 127.

[13] José Arthur Gianotti, op. cit., p. VIII.

[14] Id. *ibid.*, p. VIII.

[15] Cf. Auguste Comte. *Catecismo Positivista*, op. cit., p. 127.

[16] “(...) de simples criada do Mestre foi por ele elevada a tão eminente categoria por sua inextinguível dedicação”. Nota de Miguel Lemos in Id. *ibid.*, p. 127.

[17] José Arthur Gianotti, op. cit., p. VIII.

[18] Auguste Comte. *Curso de Filosofia*, op. cit., p. 17.

[19] Id., *Discurso sobre o Espírito Positivo*, op. cit., p. 69.

[20] Id., *Curso de Filosofia Positiva*, op. cit., p. 17 – 18.

[21] José Arthur Gianotti, op. cit., p. VIII.

[22] Auguste Comte. *Curso de Filosofia Positiva*, op. cit., p. 15.

[23] José Arthur Gianotti, op. cit., p. XI.

[24] Auguste Comte. *Curso de Filosofia Positiva*, op. cit., p. 23

[25] Id., *Discurso sobre o Espírito Positivo*, op. cit., p. 54.

[26] Id. *ibid.*, p. 71.

[27] Claude Lévi-Strauss. *Antropologia Estrutural*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991, p. 15. Os colchetes são meus (MAM).

[28] Auguste Comte. *Discurso Preliminar sobre o Conjunto do Positivismo*, op. cit., p. 112.

[29] Id. *ibid.*, p. 113.

[30] Id., Discurso sobre o Espírito Positivo, op. cit., p. 71.

[31] Id., Curso de Filosofia Positiva, op. cit., p. 4.

[32] Id., Discurso Preliminar sobre o Conjunto do Positivismo, op. cit., p. 113.

[33] Id., Curso de Filosofia Positiva, op. cit., p. 18.

[34] Id., Discurso Preliminar sobre o Conjunto do Positivismo, op. cit., p. 113.

[35] Id. *ibid.*, p. 113.

[36] Id., Discurso sobre o Espírito Positivo, op. cit., p. 58. Os colchetes são meus (MAM).

[37] Id. *ibid.*, p. 57 – 58.

[38] Id. *ibid.*, p. 77.

[39] Id. *ibid.*, p. 77.

[40] Id. *ibid.*, p. 77.

[41] Id. *ibid.*, p. 73.

[42] Id. *ibid.*, p. 73.

[43] Id. *ibid.*, p. 73.

[44] Id. *ibid.*, p. 72.

[45] Id. *ibid.*, p. 72.

[46] Id. *ibid.*, p. 75.

[47] Id. *ibid.*, p. 76.

[\[48\]](#) Id. *ibid.*, p. 77.

[\[49\]](#) Id. *ibid.*, p. 76.

[\[50\]](#) Id. *ibid.*, p. 77.

[\[51\]](#) Id. *ibid.*, p. 77.

[\[52\]](#) Id. *ibid.*, p. 78.

[\[53\]](#) Id. *ibid.*, p. 78.

[\[54\]](#) Id. *ibid.*, p. 78.

[\[55\]](#) Id. *ibid.*, p. 70.